



TERRITÓRIO E RELAÇÕES DE TRABALHO: representações de alunos Terena da terra indígena de Nioaque/MS

Francieli de Oliveira Meira
francieliomeira@hotmail.com

Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Professora da Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul.

Flaviana Gasparotti Nunes
flaviananunes@ufgd.edu.br

Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Presidente Prudente. Professora da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

RESUMO

Neste artigo apresentamos e discutimos algumas representações elaboradas por alunos Terena no contexto do ensino de Geografia em escolas indígenas de Nioaque/MS. A partir dos desenhos, observamos que a oralidade é um dos fatores responsáveis pela manutenção da memória da formação territorial das aldeias de Nioaque e exerce papel fundamental no processo de ensino/aprendizagem dos alunos indígenas. Identificamos, por meio dos desenhos referentes ao território que esses estudantes retratam um sentimento de pertencimento, de apego e de zelo, pois ali praticam a agricultura que é o meio de subsistência da maior parte das famílias Terena. Também constatamos acentuadas mudanças nas relações de trabalhos e na territorialidade da comunidade Terena decorrentes da ressignificação de alguns elementos e da imposição de outros.

PALAVRAS-CHAVE

Território, Relações de trabalho, Alunos Indígenas, Terena

**TERRITORY AND WORK RELATIONS:
representations of Terena students from the
indigenous land of Nioque/MS**

ABSTRACT

In this article we present and discuss some representations elaborated by Terena students in the context of Geography teaching in indigenous schools of Nioaque/MS. By means of drawings, we observe that orality is one of the factors responsible for maintaining the memory of the territorial formation of the villages of Nioaque and it exerts a fundamental role in the teaching/learning process of the indigenous students. We have identified, through the drawings referring to the territory, that these students portray a feeling of belonging, attachment and zeal, because it is there they practice agriculture that is the main method of subsistence of most Terena families. We also noticed marked changes in the work relationships and territoriality in the Terena community resulting from the re-signification of some elements and the imposition of others.

KEYWORDS

Territory, Work relationships, Indigenous Students, Terena

Introdução

As reflexões apresentadas neste artigo são parte dos resultados da Dissertação de Mestrado intitulada “Ensino de Geografia em escolas indígenas de Nioaque/MS” defendida junto ao Programa de Pós-graduação de Geografia da Universidade da Grande Dourados, cujo objetivo central foi analisar o ensino de Geografia no contexto da Educação Escolar Indígena nas escolas da Terra Indígena de Nioaque/MS e, em que medida este vem contribuindo para a Educação Escolar Intercultural nas comunidades indígenas Terena.

Para a execução da pesquisa foram realizadas entrevistas com professores de Geografia, coordenadores pedagógicos e diretores das escolas investigadas. Também foram aplicados questionários junto aos alunos das instituições envolvidas na pesquisa, seguido da análise dos Projetos Políticos Pedagógicos (PPPs), além de acompanhamento dos projetos realizados nos ambientes escolares e de aulas ministradas pelos professores de Geografia.

Neste texto, em específico, discutiremos alguns trabalhos realizados por alunos indígenas do Ensino Médio em aulas de Geografia, sob supervisão de uma professora indígena Terena que se disponibilizou a participar da pesquisa, permitindo que acompanhássemos algumas de suas aulas e o desenvolvimento de projetos no âmbito da

disciplina de Geografia, além de projetos interdisciplinares. Esses trabalhos, constituídos por desenhos, foram realizados no âmbito da temática “Políticas da terra e a luta pela terra” a partir da qual foi enfatizada a configuração territorial Terena em Nioaque/MS e as mudanças decorrentes das formas de trabalho que ocasionaram transformações devido às restrições impostas a essa comunidade e, também, devido ao constante contato com as comunidades não indígenas do entorno.

Com base nas questões relacionadas à Educação Escolar Indígena e às propostas de interculturalidade pautadas na concepção de Tubino (2004) e Candau (2014) apresentamos práticas desenvolvidas no ensino de Geografia que levam em consideração as percepções e as vivências de alunos Terena no que se refere à formação da Terra Indígena de Nioaque e as relações trabalho.

A partir desse conjunto de elementos, procuramos refletir sobre as representações, as mudanças no território e nas relações de trabalho dos Terena, articulando com as mudanças culturais e a forma de organização social desse povo, demonstrando o processo de ressignificação e resistência e o papel da escola indígena como lugar de reafirmação da cultura Terena, de identidade e do modo de vida particular desses indivíduos.

Formação territorial da Terra Indígena de Nioaque/MS

A Terra Indígena de Nioaque é formada por quatro aldeias: Água Branca, Brejão, Cabeceira e Taboquinha. A área compreendida é de 3.029 hectares e encontra-se localizada no município de Nioaque/MS com distância de 15 quilômetros da cidade de Nioaque e tem uma população de aproximadamente 2.000 habitantes (FUNAI, 2010). Estão presentes nessas aldeias o povo Terena, e uma minoria da etnia Atikum.



Figura 1: Acesso a Terra Indígena de Nioaque/MS.
Fonte: Acerto pessoal, 2015

Apesar dos vestígios históricos da presença indígena Terena no município de Nioaque, o reconhecimento de suas terras ocorreu apenas na década de 1990, após intensa reivindicação e vários conflitos entre os indígenas e fazendeiros. Cabe destacar que a base de sustento das famílias Terena nas aldeias é pautada na agricultura, e produção de artesanato. A população pratica atividades agrícolas de subsistência e o excedente e os artesanatos é comercializado com os não indígenas da cidade de Nioaque e em uma feira indígena que é organizada pela Associação *Hanahiti YOMO'OMO (AHY)* da Aldeia Brejão¹.

¹ A associação está localizada na aldeia Brejão e atende aos povos originários das comunidades tradicionais da Terra Indígena Nioaque. Essa associação tem sua atuação voltada para atividades culturais, atividades sustentáveis na segurança alimentar, geração de renda para as comunidades Terena por meio da produção agrícola, e extrativistas de espécies vegetais do Cerrado, além da produção de mudas nativas para reflorestamento de áreas degradadas.



Figura 2: Roças na Terra Indígena de Nioaque
Fonte: Associação *Hanahiti YOMO'OMO (AHY)* da Aldeia Brejão, 2015.

A Terra Indígena de Nioaque possui três escolas indígenas, sendo uma estadual e duas municipais. Os desenhos apresentados neste texto foram elaborados por alunos do primeiro ano do Ensino Médio da Escola Estadual Indígena de Ensino Médio Angelina Vicente no decorrer das aulas de Geografia no ano de 2015, quando foi trabalhada a temática “Políticas da terra e a luta pela terra”. A partir da temática, a professora abordou a luta pela terra no Brasil, enfatizando a luta dos Terena no estado de Mato Grosso do Sul, destacando o contexto de formação da Terra Indígena de Nioaque, a qual se institui por meio de luta, conflitos e reivindicações desses indígenas junto às autoridades locais, estaduais e nacionais. Neste item apresentaremos desenhos que retratam a formação territorial das aldeias Terena em Nioaque e sua organização inicial.

Podemos perceber, no desenho apresentado na Figura 3, que os alunos procuram cartografar o processo de migração dos indígenas Terena para o município de Nioaque, que resultou na formação da Terra Indígena. Os Terena, que antes residiam em aldeias localizadas no município de Miranda (MS), após a Guerra contra o Paraguai, perderam seu território para os fazendeiros e esses acontecimentos forçaram a migração para o município de Nioaque.

A representação utiliza alguns elementos da linguagem cartográfica, pois os alunos tiveram o cuidado de apresentar o município de Miranda ao norte de Nioaque. Outro elemento que pode ser observado é o cuidado com as divisões internas em quatro

aldeias². Também podemos observar na Figura 3 o destaque dado à Terra Indígena, pois esta é apresentada em tamanho maior que o município de Miranda. Assim, percebe-se que os alunos procuraram destacar a importância desse território para a reprodução cultural e as questões políticas e culturais do povo Terena as quais resultaram na divisão da Terra Indígena de Nioaque em quatro aldeias.

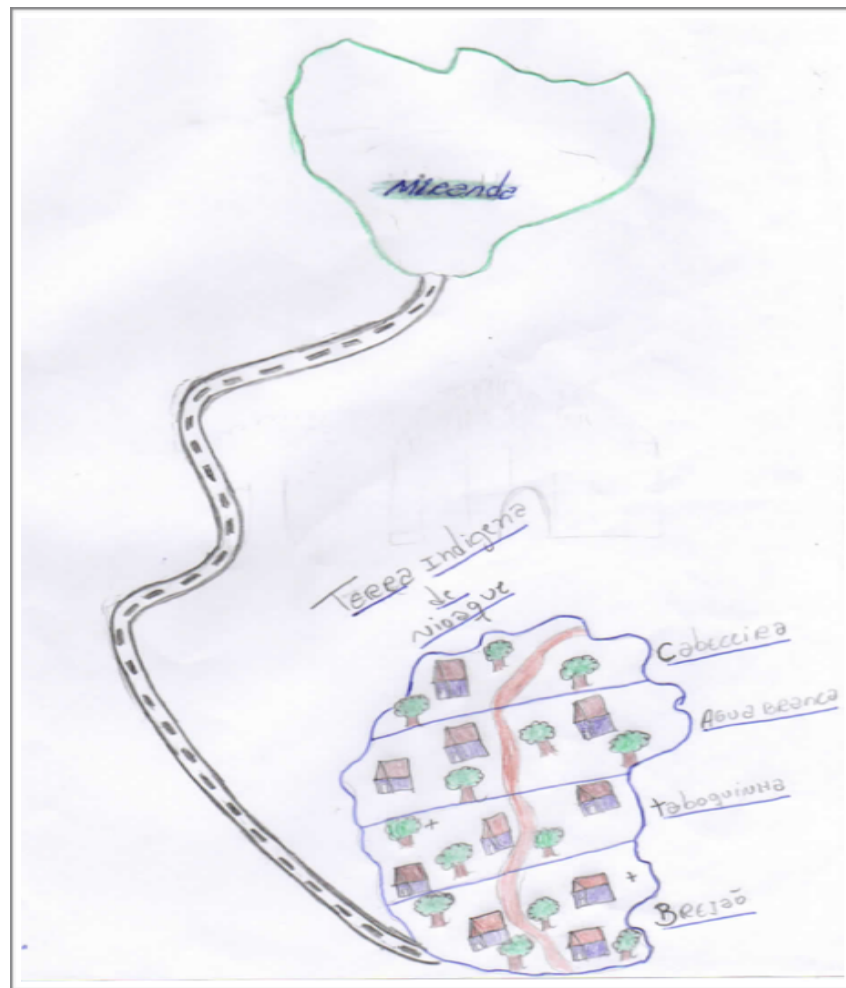


Figura 3 : Desenho sobre a formação da Terra Indígena de Nioaque/MS.
Fonte: Pesquisa de campo, Terra Indígena de Nioaque, 2015

Destaca-se também, na Figura 3, a presença de casas e árvores desenhadas com cores, tamanhos e formatos iguais. Essa representação leva-nos a entender que os alunos queriam demonstrar certa igualdade na forma de viver dos indivíduos dessa comunidade e o compartilhamento existente entre os Terena. O intuito, provavelmente, seria de demonstrar que na aldeia não existia uma acentuada diferença econômica, pois observa-

² Deve-se destacar que no início da formação da Terra Indígena de Nioaque, eram apenas duas aldeias, mas os alunos não vivenciaram esse período.

se a semelhança no formato das casas que compõem as aldeias.³ As bases de parentelas agnáticas ou como os Terena(s) costumam dizer, *ieõchapá*, têm suas residências estabelecidas próximas em determinados setor da aldeia. Dentro desses grupos de *ieõchapá*, em geral, existe o compartilhamento de suas roças, cooperação econômica e partilha de alimentos.

Os desenhos das Figuras 4 e 5 demonstram as condições de vida dos Terena ao chegarem no município de Nioaque; destacam a floresta bem preservada, as moradias feitas de palhas de Bacurí e podemos perceber que ainda não havia estradas cortando a aldeia.



Figura 4: A forma que viviam os Terena recém chegados na Terra Indígena de Nioaque
Fonte: Pesquisa de campo, Terra Indígena de Nioaque, 2015

³ Conforme abordaremos no próximo item deste texto, atualmente, há diferentes formas de cultivo na Terra Indígena da Nioaque. Há famílias que praticam as formas tradicionais, não utilizando aparatos mecanizados e outras que inseriram elementos da mecanização.



Figuras 5: As primeiras moradias Terena nas aldeias de Nioaque.
 Fonte: Pesquisa de campo, Terra Indígena de Nioaque, 2015.

Nesses desenhos (Figuras 4 e 5) projeta-se a formação do território Terena no município de Nioaque. Verifica-se que os elementos retratados nos desenhos dos alunos foram transmitidos a eles pelos mais velhos da comunidade, por meio da oralidade. Os familiares mais velhos (pais, avós e anciãos) relatam por meio de contos, que os Terena, ao chegarem ao local onde hoje corresponde às aldeias, construíram caminhos no meio da mata e fixaram as primeiras moradias, que eram ocas feitas de palha de Bacuri.

Para os Terena, a prática de contar histórias, acontecimentos e mitos, sempre deve ser feita pelos mais velhos, pois é uma forma de transmitir confiabilidade aos relatos narrados. Ressalta-se que muitos dos alunos não tiveram acesso a documentos escritos sobre a história de formação e ocupação do território que atualmente compreende as aldeias Terena em Nioaque. Mas os relatos orais mantêm-se presentes na memória.

Pode-se perceber, nas imagens elaboradas pelos alunos, que os pés de Bacuri e as ocas fazem-se presentes assim como as moradias construídas próximas ao rio Urumbeva. O rio exerce significativa importância na organização territorial Terena. Ao chegarem a Nioaque, os Terena procuraram se organizar próximos a esse rio, pois a pesca era a atividade mais praticada como subsistência da comunidade (ver Figura 5).

Verifica-se que a oralidade tem papel fundamental no processo de ensino/aprendizagem dos alunos Terena. As histórias retratadas nos desenhos vêm sendo transmitidas durante anos na comunidade, mantendo os elementos originários. Os estudantes autores dos desenhos não vivenciaram os momentos retratados nas imagens,

mas esses acontecimentos estão vivos em suas mentes e o imaginário é detalhado nos desenhos.⁴

Os desenhos apresentam elementos da cultura Terena: as ocas de diferentes tamanhos remetem à ideia de diferenciação de poder entre as famílias e a autonomia política, ou seja, "cacique" e "conselho tribal". Vê-se a proximidade das moradias e que são interligadas pelos caminhos no meio da mata, o que é explicado pela *ienõchapá* (parentela agnática).

É importante ressaltar que ao longo do tempo, o território das aldeias foi se modificando, as matas diminuíram e as ocas deixaram de existir. Os sistemas tradicionais, referentes à caça e à pesca também passaram por modificações. Nesse sentido, a professora de Geografia procurou trabalhar dentro da temática sobre a luta pela terra no Brasil, a formação do território Terena em Nioaque, a qual se deu por meio de luta e de organização dos indígenas e os alunos procuraram demonstrar a importância dessa conquista.

Ao relacionar o conteúdo proposto no currículo com a formação territorial da Terra Indígena de Nioaque, observa-se que a professora procurou manter vivas as narrativas indígenas referentes ao processo de formação territorial das aldeias de Nioaque. Assim, nota-se que os desenhos apresentam elementos comuns das narrativas dos mais velhos, como as ocas, os caminhos irregulares ao meio da mata e o percurso dos Terena até Nioaque. Desta forma, os alunos, ao elaborarem os desenhos, dão destaque à historicidade do território.

O território revela também as ações passadas e presentes, mas já congeladas nos objetos, e as ações presentes constituídas em ações. No primeiro caso, os lugares são vistos como coisas, mas a combinação entre as ações presentes e as ações passadas, às quais as primeiras trazem vida, confere um sentido ao que preexiste (SANTOS, 2003, p. 247-248).

Em outras palavras, para o autor citado, o território reúne o conjunto de representações de uma cultura: elementos do passado e do presente. Os traços culturais da etnia estão presentes nas figuras; os estudantes tiveram esse cuidado para que possamos identificar essa área como território pertencente aos Terena, com suas

⁴ Braz e Durigan (2005, p. 49) argumentam que "estudar o imaginário implicaria, pois, lembrar os mitos, os ritos, as ideologias, o sujeito que as (re)produz, o que põe em relevo a complexidade do imaginário e de seu estudo". O imaginário social pode ser constituído por um conjunto de imagens, a cultura, a linguagem, os padrões de conduta, os códigos, normas, a mitologia, o "sonho" coletivo, e as incertezas e que se expressam por símbolos, alegorias, rituais, mitos, utopias. Por meio desse que detém uma função social e se reveste de aspectos políticos, as sociedades definem suas identidades, seus objetivos, e organizam seu aqui-agora, seu passado e seu futuro (MARCHEWICZ, 2006).

construções e significações, pois, no caso dos Terena, o lugar da moradia é a referência para a atualização da identidade (OLIVEIRA, 1968).

Nos desenhos elaborados pelos alunos sob orientação da professora de Geografia há um destaque para o território Terena, sua formação e delimitações, suas características atuais de produção e organização. Para o povo Terena, o território tem o sentido de pertencimento ao lugar, sendo assim, existe um apego por parte desses indivíduos ao território.

O conceito de território é fundamental para a Geografia. Percebemos que na bibliografia dedicada ao ensino de Geografia, vários autores apontam para a necessidade de considerar as representações e as percepções dos grupos sociais sobre seu território. No caso da educação escolar indígena, isso é fundamental como forma de promover diálogos interculturais.

Nesse sentido, entendemos que o território é a ordenação da paisagem pelo sujeito, de forma que os lugares passam a ter sentido, como afirma Santos (2007):

O território, pelo contrário, só pode ser o resultado da observação, da vivência, da sistematização de um conjunto de experiências que se torne algo ordenado em nossa cabeça, tanto do ponto de vista da distância relativa (e, portanto, dos posicionamentos) entre os objetos que o compõe, quanto do significado que cada um desses objetos possui para cada um de nós (SANTOS, 2007, p. 9).

Tais elementos estão presentes nas figuras aqui apresentadas, pois remetem à ideia de ordenação das paisagens pelos alunos. O território, para os Terena, é algo para o uso, ao mesmo tempo em que tem uma conotação material, possui sentido cultural e afetivo. Sendo assim, podemos identificar que o objetivo da professora foi de, juntamente com os alunos, construir, por meio de referenciais próprios, o conceito de território. A partir de um conteúdo previsto pelo Referencial Curricular de Geografia, a professora procurou abordar questões da escala local, explorando elementos territoriais da comunidade Terena e articulando-os com a vivência dos alunos.

As relações de trabalho nas aldeias Terena de Nioaque

O conjunto de desenhos apresentados nas Figuras 6 a 9 demonstram, com riqueza de detalhes, as relações de trabalho na comunidade. Podemos perceber o apreço que os Terena têm pela agricultura. As roças são feitas próximas aos rios que passam pelas aldeias e perto dos núcleos de parentesco para facilitar o trabalho das mulheres que

são responsáveis pela coleta dos gêneros agrícolas. O trabalho é realizado em conjunto e a produção é dividida pelos núcleos familiares.

As atividades agrícolas são importantes para os Terena; vários estudos sobre essa etnia destacam o papel da agricultura na organização e nas alianças realizadas com outras etnias. Conforme é destacado por Baltazar (2010), tradicionalmente, os Terena sempre apresentaram relativa mobilidade espacial e geográfica, em virtude da busca de suprimento alimentar e da prática de uma agricultura de subsistência, que os levava à procura de novas terras férteis para o plantio.

Segundo Ladeira (2001) os Terena são uma sociedade cuja base econômica está na agricultura, sendo considerados hábeis agricultores. Essa realidade está presente na comunidade indígena de Nioaque; os alunos sempre ressaltam o cuidado que possuem com a roça, com a forma como esse trabalho é realizado. Inicialmente, a produção agrícola é utilizada na subsistência da comunidade e o produto excedente é comercializado na cidade de Nioaque ou entre os diferentes grupos de parentesco.

Os desenhos das Figuras 6 e 7 foram elaborados a partir do trabalho da professora de Geografia com conteúdos sobre a evolução agrícola do país, levando-se em consideração que esse processo causou impactos na organização das sociedades. A professora tomou como ponto de partida a forma como ocorreu e vem ocorrendo esse processo na comunidade Terena de Nioaque, pois, a forma como se pratica a agricultura entre os Terena sofreu e vem sofrendo alterações e tem causado modificações na organização dessa sociedade. Assim, a professora valorizou as narrativas, solicitando que os alunos questionassem seus pais, avós, vizinhos e os mais velhos sobre como era o plantio dos gêneros agrícolas e a organização da roça nos tempos antigos.

Após trazerem esses relatos anotados, fez-se um contraponto ao que os alunos vivenciam hoje, como eles e suas famílias praticam o plantio, elencando elementos que foram introduzidos nas práticas agrícolas e como os Terena resistem a novos processos que são impostos pelo processo de modernização da agricultura no Brasil. É importante destacarmos que vários relatos coletados pelos alunos demonstraram descontentamento e apreensão em relação aos novos modelos agrícolas levados à comunidade.

As figuras são apresentadas em ordem cronológica, com o objetivo de demonstrar o processo de mudanças na prática agrícola na comunidade, através de um comparativo das imagens. Na imagem apresentada na Figura 6, os alunos procuraram demonstrar como eram realizadas as atividades agrícolas na comunidade em seus primórdios. Na imagem da Figura 7 é demonstrado como são desenvolvidas as atividades agrícolas atualmente nessa mesma comunidade Terena.



Figura 6: O trabalho agrícola na comunidade.
Fonte: Pesquisa de campo, Terra Indígena de Nioaque, 2015.

Podemos observar no desenho da Figura 6 que aluno procura retratar a forma de trabalho nas roças com o uso da junta de bois para a aração da terra e da enxada para carpir as pragas que atrapalham o crescimento de suas plantações e o plantio feito pelo *saracú*⁵. Nesse desenho, os alunos demonstram o trabalho na roça no início da organização das aldeias Água Branca e Brejão em Nioaque, pois, no início da

⁵ Com base nos relatos de Miranda (2006) pode-se dizer que é um instrumento pontiagudo feito de madeira utilizado pelos Terena para abrir as covas durante o plantio das culturas de subsistência.

organização dos Terena em Nioaque havia apenas essas duas aldeias. Posteriormente, houve a divisão da aldeia Água Branca, surgindo as aldeias Cabeceira e Taboquinha.

Nesse desenho, a presença do rio é destacada e o leito desviado através de vales por processos manuais, ilustrado como recurso da irrigação das plantações. Percebemos que o trabalho é realizado em conjunto, pois uma característica cultural dos Terena é o trabalho em “núcleos familiares”. Os traços que contornam o desenho remetem a símbolos Terena, de forma que possa ser identificada a representação de uma comunidade indígena.

Os usos da enxada, da junta de bois e do *saracuá* para o plantio misturam a tradição Terena e a ressignificação de algumas técnicas. Essa ressignificação de alguns meios para utilização na agricultura ocorre a partir dos primeiros contatos entre índios Terena e os colonizadores portugueses e espanhóis. Vários autores como Oliveira (1976); Ladeira (2001) e Azanha (2001) afirmam que os Terena tiveram os primeiros contatos com os colonizadores a partir do século XVI. Desta forma, ao se fixarem em vilas, espanhóis e portugueses trouxeram consigo vários tipos de utensílios para a agricultura, espécies de plantas e animais; esses novos elementos foram ressignificados pelos Terena que passaram a utilizá-los em seus cultivos, transformando a forma de vida dessa etnia.

Já na Figura 7, podemos observar que o aluno procurou demonstrar a atual forma de trabalho no plantio agrícola. A agricultura praticada pela maior parte da comunidade atualmente nas aldeias Terena é diferente da que se praticava antes (demonstrada na Figura 6). Não podemos deixar de perceber a nítida mudança apresentada no uso da técnica. Por mais que ainda se mantenha a área pequena destinada ao cultivo, onde o trabalho é realizado por grupos familiares, ocorre a inserção de novas técnicas e procedimentos.

São perceptíveis, ao observarmos essas duas imagens, as mudanças ocorridas na forma do trabalho agrícola dos Terena. Ao recorrermos à história, identificamos que em seus primórdios, em Nioaque, os Terena desenvolviam a agricultura a partir do corte da mata e de sua queima para o plantio; posteriormente, o solo era deixado para o pousio o tempo necessário para que regenerasse sua fertilidade, sendo todo o processo produtivo realizado pelo serviço braçal.

O atual confinamento em pequenas áreas de terra, fator que alterou a forma da prática agrícola Terena, fez com que a agricultura fosse desenvolvida em campos

permanentes, onde se utiliza a mecanização, com tratores para gradagem e, em alguns casos, até colhedeira⁶ (ver Figura 7).



Figuras 7: O trabalho agrícola nas Aldeias.
Fonte: Pesquisa de campo, Terra Indígena de Nioaque, 2015.

Analisando as Figuras 6 e 7 podemos perceber algumas diferenças. Na primeira, é ressaltado o uso da enxada para a abertura das covas e o mutirão de pessoas dividindo o trabalho, exigindo um maior número de pessoas para a concretização do trabalho. Já na Figura 7 os elementos como a enxada, a junta de bois e *saracuí* desaparecem. As pessoas apresentadas são apenas o motorista do trator e um ajudante que podem ser ou não da comunidade Terena, pois o maquinário é oferecido pela Secretaria da Agricultura do município de Nioaque e seus respectivos motoristas são funcionários da prefeitura.

⁶ É importante lembrar que o uso da mecanização ocorre dependendo da disponibilidade dos grupos familiares poderem pagar pelos insumos, incluindo diária do tratorista e o óleo, pois o trator, na maioria das vezes, é cedido pela Secretaria da Agricultura do município.

Considerando os desenhos realizados pelos alunos sobre o trabalho na agricultura, verificamos acentuadas diferenças nas formas de cultivo. Na concepção de Miranda (2006), a marcante mudança nas práticas agrícolas Terena ocorreu a partir da chamada Revolução Verde⁷, a qual trouxe grandes mudanças, positivas para uns e desastrosas para outros. A partir desse período, houve a introdução gradativa de maquinários agrícolas e equipamentos nas comunidades Terenas, assim como o uso de espécies híbridas no plantio, e conseqüentemente, a inserção de uma nova forma de trabalhar a agricultura nestas comunidades.

As figuras que iremos apresentar a seguir (Figuras 8 e 9) também foram elaboradas no contexto do trabalho sobre a evolução agrícola do país, mas a abordagem dada pelos alunos foi a forma de plantar e a disposição do plantio nas roças. Isso demonstra que alguns grupos da comunidade mantêm a forma de plantar tradicional, ao passo que outros, já seguem um modelo em que há inserção de aparatos tecnológicos com mais mecanização, conforme visto na Figura 7.

Podemos observar na Figura 8 o cultivo de gêneros agrícolas tradicionais que, na maioria dos casos, são para o sustento dos grupos de parentesco. Mandioca, milho, batata doce, cará, maxixe, quiabo, abóbora e feijão miúdo são os mais cultivados. Também foram introduzidos outros gêneros agrícolas como as leguminosas (cultivadas em hortas) e algumas espécies de frutas como o limão e a laranja, que são comercializados em feiras, além da cana-de-açúcar, utilizada para a produção de garapa, melado e rapadura.

⁷ O autor ao usar o termo "Revolução Verde", está fazendo referência à modernização da agricultura no Brasil desencadeada na década de 1970, quando ocorre a inserção de novas tecnologias como uso de sementes modificadas geneticamente, agroquímicos e mecanização do processo agrícola.



Figura 8: Produção agrícola das aldeias
 Fonte: Pesquisa de campo, Terra Indígena de Nioaque, 2015

Ao observarmos a Figura 9 identificamos que o cultivo é apresentado de forma ordenada, há uma separação dos tipos de gêneros agrícolas cultivados e alguns produtos não são mais cultivados por serem de baixa produtividade e devido à pouca procura no comércio da cidade. Assim, mantém-se os gêneros agrícolas de fácil comercialização como o milho, o feijão carioca que substitui o feijão miúdo e o arroz. Nesse sentido, pode-se deduzir que no plantio em destaque há inserção de maquinários agrícolas no

processo produtivo e que os gêneros agrícolas cultivados são destinados ao comércio e não somente para o sustento familiar.

Outro elemento importante nesta imagem é o destaque para a criação de gado em confinamento que vem sendo realizada pelos Terena.⁸ É importante destacar que atualmente existe nas aldeias Terena a criação de rebanhos em confinamento, mas ao conversarmos com os moradores das aldeias, percebemos que esta prática se restringe aos Terena "bem-sucedidos" da comunidade, ou seja, aqueles indivíduos que conseguiram dinheiro em trabalho fora da comunidade, nas fazendas, changa⁹, ou em outros empregos na área urbana.

As famílias Terena encontraram na criação de rebanhos uma alternativa de ajuda no sustento dos grupos, pois, é difícil conseguirem auferir da agricultura o sustento mínimo para a manutenção das famílias durante o ano.

Como já destacado anteriormente, as roças sempre estiveram presentes na organização da economia Terena. Tradicionalmente, o plantio agrícola indígena é feito em pequena escala, sendo que cada cultivo tem sua época determinada. O objetivo dessa atividade é o sustento familiar, não a obtenção de lucros.

Considerá-la como precária ou rudimentar seria correto numa comparação com o padrão "moderno" da cultura ocidental, mas não para os indígenas que há mais de um século após a criação das Reservas a exercem dessa forma. O que se pode afirmar é que ela segue um ritmo diferente do padrão da agricultura capitalista tido como "desenvolvido", principalmente as grandes empresas rurais. O declínio e a descontinuidade das atividades tradicionais não significaram o seu abandono, pura e simplesmente injustificado. Tais aspectos devem ser analisados sob uma perspectiva holística do conjunto dos processos sociais do contexto ao qual estão inseridos (SALVADOR, 2012, p. 38).

Conforme as palavras de Salvador (2012), a forma que muitos Terena ainda vêm praticando a agricultura é alvo de críticas por parte da sociedade capitalista, que a vê como atrasada. Ao não fazer uma análise mais detalhada da organização social desse povo, reproduz-se um discurso pautado em um sistema de desenvolvimento que tende a excluir as populações tradicionais que possuem concepções e formas diferentes de organização social e valores culturais.

⁸ Apesar da destacada vocação dessa etnia para a prática agrícola, deve-se destacar que há registros da vida dos Terena no "Êxiva", onde já realizavam a criação de gado, bovinos e equinos, ocupação essa que adquiriram com o convívio dos Mbayá-Guaicuru. O Êxiva, é o lugar conhecido pelos não-índios como Chaco, que aparece na história oral Terena; os mitos de criação dessa etnia destacam essa região como o lugar do primeiro momento da história Terena. (OLIVEIRA, 1976).

⁹ É o trabalho temporário nas usinas de açúcar e álcool que é denominado popularmente entre os Terena de Changa.



Figura 9: Agricultura.

Fonte: Pesquisa de campo, Terra Indígena de Nioaque, 2015.

Ao fazermos um comparativo entre essas imagens (Figuras 8 e 9), notamos que há diferenças na atual forma de plantar dos Terena. Isso se explica porque muitos grupos adaptaram-se melhor às mudanças inseridas na agricultura, enquanto outros grupos mantêm a forma tradicional de plantio e dos gêneros agrícolas. É nitido que há na comunidade uma divisão de classes, pois, os Terena "bem-sucedidos"¹⁰ já criam rebanhos em confinamento. Miranda (2006) destaca que:

¹⁰ Denominação utilizada pelos Terena da Terra Indígena de Nioaque/MS, ao fazerem referência a algumas famílias das aldeias.

[...] agentes governamentais entregam sementes nas comunidades indígenas com atos públicos, referindo-se ao desenvolvimento da comunidade, a uma nova opção vantajosa de produzir, esquecendo que naquela comunidade muitos índios não querem acabar com suas sementes tradicionais, não querem substituir suas variedades locais pelos híbridos que lhes são entregues, chegando a ponto de ter algumas espécies como o milho “saboró”, arroz “carioquinha” e feijão “miúdo”, consideradas como “patrimônio” comunidades indígenas, extintas pela introdução dos híbridos doados pelos governos (MIRANDA, 2006, p. 92).

Partindo dos relatos de Miranda (2006), depreendemos das imagens que a forma de cultivo dos Terena passa por modificações que resultam em depender, quase que totalmente, de insumos externos angareados junto às autoridades governamentais locais. Essa dependência a que se submetem os Terena acaba por gerar alguns conflitos, pois nem sempre são atendidos nos tempos determinados para os plantios, ou seja, conforme o calendário agrícola Terena.

Podemos notar, através da observação dessas imagens e de relatos dos alunos, que muitos indígenas resistem às mudanças trazidas a eles pelos programas governamentais; em contraposição, outras famílias aderem a essas mudanças e conseguem adaptar-se, fazendo com que o trabalho na agricultura, em alguns casos, adquira novas formas, novos sentidos e significados. Por exemplo: a mudança de cultivo de gêneros agrícolas, o período de cultivo e a organização das roças.

A partir do exposto, destacamos a importância da Geografia escolar valorizar os conhecimentos dos alunos promovendo o diálogo entre saberes. No caso da educação escolar indígena, isso torna-se fundamental, pois trata-se de diferentes formas de conceber e pensar o espaço a partir de distintas racionalidades. Além de atribuir significados aos conteúdos trabalhados (CAVALCANTI, 2006), a professora que desenvolveu o trabalho aqui relatado, procurou valorizar referenciais culturais, vivências e experiências dos alunos e memórias de sua comunidade que se mantém pela tradição oral.

Considerações finais

Procuramos, neste texto, analisar elementos presentes nos desenhos elaborados por estudantes indígenas em aulas de Geografia que retratam o contexto de formação do território e as mudanças na organização de suas aldeias decorrentes dos contatos com povos não indígenas. Ao elaborarem os desenhos, os alunos procuraram articular os conhecimentos da Geografia com a espacialidade da comunidade onde vivem.

Conforme verificamos, os Terena, historicamente, foram identificados como bons agricultores; isso é retratado nos desenhos, pois a roça é ressaltada como local de trabalho e fonte de sustento das famílias Terena de Nioaque. Isso fez com que eles fossem levados a trabalhar em propriedades rurais vizinhas às suas aldeias e como resultado, tiveram a organização social de suas comunidades e as relações de trabalho fortemente alteradas. Essas alterações ocorrem a partir do intenso contato com os não indígenas e em todos os aspectos da vida da comunidade.

Essas alterações são perceptíveis no material usado para a construção das casas: o sapé e a palha de bacuri foram sendo substituídos pela alvenaria; segundo a concepção de “ordem” da cultura ocidental, as roças tinham um plantio desordenado e passam a ter um ordenamento para a utilização da técnica com o plantio de gêneros agrícolas de fácil comercialização.

Outro fator relevante, característico dos Terena, é a facilidade em incorporar à sua cultura novos símbolos, pessoas, manifestações religiosas, produtos e outros elementos. Isso tem levado a um preconceito contra essa etnia, que em muitos casos, é classificada como “não índios” pela sociedade e até por outras etnias indígenas. Observamos nos desenhos aqui apresentados que os Terena fazem questão de ressaltar sua cultura, demonstrando as mudanças em suas aldeias e a luta por seu território no sentido da afirmação de sua identidade.

Acreditamos que o trabalho realizado nas aulas de Geografia que resultou nesses desenhos procura trazer às escolas e à educação escolar indígena os saberes, a geografia e história dos Terena permitindo um diálogo entre os diferentes saberes no sentido da interculturalidade. Por meio dos desenhos, os estudantes indígenas, apresentam suas temporalidade e diferenças enquanto Terena.

Referências Bibliográficas

AZANHA, Gilberto. Diagnóstico expedito das Terras Indígenas e aldeias Terena em situação de urbana: ações sócioambientais em áreas indígenas na BAP-MS - Programa Pantanal. 2002. **Revista de Estudos e Pesquisas**, FUNAI, Brasília, v.2, n.1, p.61-111, 2005.

BALTAZAR, Paulo. **O Processo Decisório dos Terena**. 2010. 101f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). PUC/SP: São Paulo, 2010.

BRAZ, Paulo Henrique Camacho; DURIGAN, Marlene. Identidades (des)construídas: a voz de carvoeiros do Bóvão sul-mato-grossense. **Guavira Letras: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFMS**, p. 45-56, 2005.

CANAU, Vera Maria Ferrão. Educação intercultural: entre afirmações e desafios. In. MOREIRA, Antonio Flavio; CANAU, Vera Maria Ferrão (Org.). **Currículos, disciplinas escolares e culturas**. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 23-41, 2014.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Ensino de Geografia e diversidade construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. In: CASTELLAR, Sonia. **Educação geográfica: teoria e práticas docentes**. 2º Ed. São Paulo, Contexto, p. 66-78, 2006.

LADEIRA, Maria Elisa Martins. **Língua e História: análise sociolinguística em um grupo Terena**. Tese. 2001. 166f. (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral). Universidade de São Paulo: São Paulo, 2001.

MARCHEWICZ, Rosa Maria Santana. **Com a palavra, o índio: uma introdução ao estudo das representações no mundo Terena**. Dissertação. 2006. 102f. (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS. Três Lagoas/MS, 2006.

MIRANDA, Claudionor do Carmo. **Territorialidades e práticas agrícolas: premissas para o desenvolvimento local em comunidades Terena de MS**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento local). Universidade Católica Dom Bosco/UCDB: Campo Grande/MS, 2006.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **Urbanização e Tribalismo: a integração dos índios Terena numa sociedade de classes**. Zahar Editores, 1968.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **Do índio ao bugre**. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1976.

SALVADOR, Mario Ney Rodrigues. **Os índios Terena e a agroindústria no Mato Grosso do Sul: a relação capital-trabalho e a questão indígena atual**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2012.

SANTOS, Douglas. **O que é Geografia?** São Paulo: Inédito, 2007.

SANTOS, Milton. SILVEIRA, M. L. **O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

TUBINO, Fidel. Del interculturalismo funcional al interculturalismo crítico. In: SAMANIEGO, M.; GARBARINI, C. G. (Org.). **Rostros y fronteras de la identidad**. Temuco: Universidad Católica de Temuco, p.151-164, 2004.

Recebido em 22 de outubro de 2019.

Aceito para publicação em 23 de junho de 2020.